



ASPECTOS DA CULTURA CUIABANA



Cuiabá pela sua posição mediterrânea, situando-se bem no meio do Continente Sul Americano, teve desde o seu período colonial, sérias dificuldades em relação a comunicação com a porção litorânea do país.

No passado estes fatores notadamente muito nos desfavoreceram, mesmo porque a ligação por terra com outras Capitâneas eram extremamente difíceis.

As “Monções que eram único meio de comunicação, duravam cerca de um ano aproximadamente, para cumprir o longo trajeto das viagens, enfrentando as mais diversas das hostilidades, entre; índios bravios, feras, doenças e mesmo os próprios fatores da natureza.

No século XIX, inicia-se a precaríssima navegação fluvial, via os Rios Cuiabá, Paraguai, Uruguai e Oceano Atlântico, numa verdadeira epopéia até alcançar o Rio de Janeiro. Além desses dissabores, o país paraguaio, que vivia em constante conflito de guerra, bloqueava com freqüência, qualquer embarcação que por ali trafegasse.

Por longa data, Cuiabá praticamente ilhada dos centros mais desenvolvidos. Em conseqüência a esse isolamento, o desenvolvimento físico prejudicou-se, contudo, surgiu a formação de uma sociedade “sui generis”, ou seja, a falta de contato de uma civilização mais adiantada, no caso, Rio de Janeiro, fundiu-se neste “interland mato-grossense”, um povo único, embasado nos seus costumes, e hábitos comuns.

Até o jeito no falar assumiu características peculiares, aliando-se ao linguajar dos nativos; negros, índios Bororos, entre outros. Criou-se uma maneira diferente de expressar.

Na arte culinária, como não havia entrada de produtos externos, se ajeitava com o que se produzia na terra, surge então pratos típicos, como; “Maria Isabel”, “Farofa de Banana”, “Carne com Mandioca”, “Sopa de Banana-Verde”, Paçoca de Pilão”, entre outros.

No campo musical, ocorreu fato idêntico, nossos caboclos exímios artesãos, fabricam um similar de Alaúde, instrumento Europeu, trazidos pelos Portugueses no Século XVIII. Utilizando-se da madeira branca e com a técnica de cavar o “Cocho”, recipiente este, para acondicionar alimentos para os animais, nasce a vibrante “Viola de Cocho”. Complementado ao “réco-réco”, instrumento típico dos índios Bororos, logo, surgindo as populares trovinhas, cantadas no “Cururu”, que é também uma denominação indígena;(Pulo do Sapo). As trovinhas em geral são louvores aos Santos, e após o compromisso à louvação os versos são satíricos, e como nativos da região ribeirinha, é comum entre eles, travarem disputas de versinhos, das comunidades do “Rio Abaixo” e “Rio Acima”.

Utilizando os mesmos instrumentos e mais, o “Mocho” (singela banqueta forrada com couro cru), formam o musical suficiente para alegrar o grupo de “Siriri”, cujo belo ritual é formado por moças, com indumentária característica camponesa.

No final da Guerra do Paraguai(1867), após a retomada de Corumbá, pelo Tenente Coronel Antônio Maria Coelho, foi trazido para Cuiabá todos os prisioneiros de guerra, e constatando que a maioria daquela unidade se encontrava com Varíola, procedendo-se isolamento em um Presídio do outro lado do Rio Cuiabá (hoje Várzea Grande).

Os coitados paraguaios doentes e aprisionados, mesmo assim, lembrando a sua querida terra, cantavam as suas lindas “Polcas Paraguaioas”, mas notava-se que por sua grande tristeza de estarem doente e longe da sua Pátria a cadência das músicas eram tocadas, mais lentas. Mesmo assim os cuiabanos gostaram das suas músicas adotando-as e denominando-as de “Rasqueado Cuiabano”.

Com o término da Guerra, alguns dos ex-prisioneiros, optaram por viver em Cuiabá e então os cuiabanos pela sua natureza própria de bom acolhedor passaram a conviver com “los hermanos paraguaios”.

CL. Aníbal Alencastro
Assessor de Atividades Culturais
Lions Clube Cuiabá Norte-MT